

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

BRANCAS VESTES, CÂNDIDAS ALMAS: a fotografia mortuária e o cortejo de uma virgem no interior de Minas Gerais

Francislei Lima da Silva
Doutorando em História da Arte pelo PPGHIST/IFCH/UNICAMP Bolsista Capes
francislei.lima@gmail.com

Raquel de Fátima dos Reis
Mestra em História Contemporânea II pelo PPGH/UFF
Professora da FARESE e da EEEFM Prof. Hermann Berger
raquelfreis27@yahoo.com.br

Este texto busca discutir algumas das questões abertas a partir daquelas apresentadas inicialmente para o GT Nacional Imagem, Cultura Visual e História, no XXIX Simpósio Nacional de História, realizado em Brasília (2017)¹. Na ocasião, pudemos falar sobre a fotografia de um cortejo, atribuindo-a às lentes do retratista João Gomes d’Almeida², o qual atuou como fotógrafo volante pelo sul da Província de Minas Gerais, no entresséculo XIX-XX. Nosso interesse inicial pelo seu itinerário de trabalho se deu por conta do número significativo de cartões e foto postais de paisagens aquáticas, já que fixou seu estúdio no prédio junto ao balneário e Cassino da Fonte no povoado de Águas Virtuosas do Lambary, estância hidromineral que foi objeto da dissertação de mestrado de Francislei Lima da Silva intitulada “Monumentos da água no Brasil”³, defendida em 2011, na UFJF. Além das imagens vendidas para veranistas, Raquel de Fátima dos Reis pode mapear, na Coleção Paulino Araújo, uma série de cartões de visitas fabricados por d’Almeida para as famílias residentes nas cidades do

¹ SILVA, Francislei Lima da; REIS, Raquel de Fátima dos. Olho mágico: a imagem do retratista e o retratado dentro da fotografia. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História** - Contra os preconceitos: história e democracia. Brasília: 2017, p. 1-16.

² Ver: SILVA, Francislei Lima da. João Gomes d’Almeida. In: MAUAD, Ana Maria. **Dicionário Histórico-Biográfico da fotografia e dos fotógrafos no Brasil**. Niterói: PPGH-UFF, 2015. Publicação on-line do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF. Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/verbetesfotografia/node/10>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

³ SILVA, Francislei Lima da. **Os monumentos da água no Brasil: pavilhões, fontes e chafarizes nas estâncias sul mineiras (1880-1925)**. 2012. Mestrado (Dissertação de História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2012.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

sul de Minas vizinhas à Lambari, imagens estas analisadas em sua dissertação de mestrado “A fotografia em Campanha”⁴.

Nesse cruzamento de nossas pesquisas, encontramos, no Centro de Memória Cultural do Sul de Minas, a fotografia de um outro cortejo (**Imagem 1**), dessa vez, de um cortejo fúnebre. Pelo desenho do antigo largo da Matriz de Santo Antônio e pelo casario que o circunda, sabemos se tratar de Campanha, vila que no passado compunha o Termo que reunia os povoados do sul das Minas, fazendo divisa com São Paulo pela serra da Mantiqueira. Sem qualquer informação sobre a sua procedência ou sua autoria nos propomos a buscar indícios para preencher os vazios e silêncios que, à princípio, pareciam envolvê-la. Afinal, não havia outro caso de evento que tivesse merecido todo aquele esforço para que o retratista colocasse tantas pessoas posando para uma foto.



Imagem 1 – João Gomes d’Almeida (1847-1907). **Cortejo fúnebre de Candoca**. c. 27 de novembro de 1904. Fotografia sobre cartão. Fonte: Centro de Memória Cultural do Sul de Minas CEMEC - Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG – Coleção Paulino Araújo, Campanha/MG.

⁴ REIS, Raquel de Fátima dos. **A fotografia em Campanha: Paulino Araújo entre retratos e vistas constituindo memórias (1907-1970)**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói/RJ, 2013.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

O primeiro elemento que nos levou a pensar no nome de d'Almeida como seu autor foi o cartão emoldurado com flores sob o qual a fotografia havia sido colada, já que encontramos outros modelos com a mesma proporção e materiais com o carimbo de seu estúdio (**Imagem 2**), no Museu Dr. Américo Werneck, em Lambari, cidade vizinha à Campanha.

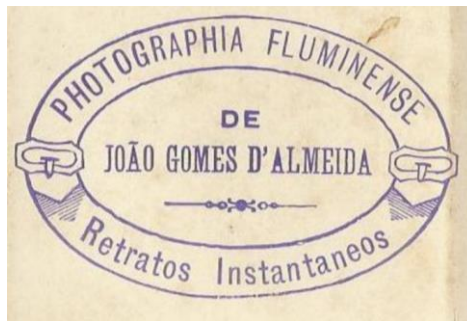


Imagem 2 – Carimbo do estúdio fotográfico de João Gomes d'Almeida. Verso de um cartão de visita. Fonte: CEMEC – Coleção Paulino Araújo, Campanha/MG.

Passado algum tempo desde a nossa primeira ida a Campanha, retornamos ao Centro de Memória Cultural do Sul de Minas e, dessa vez, conferindo, também, a pasta com cartões de visita nos chamou a atenção um deles (**Imagem 3**), cujas bordas possuem cortes chanfrados e dourados, comuns aos cartões d'Almeida. O professor Rogério Arruda⁵ já havia se atido aos anúncios de jornal em que ele apresentava algumas das técnicas utilizadas em seu estúdio à procura de clientela na região.

⁵ ARRUDA, Rogério. **O ofício da fotografia em Minas Gerais no século XIX (1845-1900)**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2013.



Imagem 3 – João Gomes d’Almeida (1847-1907). **Cartão de visita com o retrato de Candoca.** Campanha, 1896. Fonte: CEMEC – Coleção Paulino Araújo, Campanha/MG.

No verso do cartão, estava a dedicatória de uma menina, apelidada de Candoca, então com 11 anos, 6 meses e três dias de idade. A partir daí, notamos que já havíamos tido contato com uma narrativa sobre ela. Almir Ferreira Lopes, fotógrafo atuante em Campanha, neto de Paulino Araújo⁶, o qual aprendeu o ofício de retratista com João Gomes d’Almeida, já havia nos relatado a existência da fotografia de um quadro relicário (**Imagem 4**), dentre a coleção de fotografias tiradas por seu avô, de uma tal parenta que havia falecido muito jovem.

⁶ Ver: REIS, Raquel de Fátima dos. Paulino Araujo. In: MAUAD, Ana Maria. *Op. cit.*, 2015. Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/verbetesfotografia/node/9>>. Acesso em: 15 jul. 2021.



Imagem 4 – Quadro relicário bordado com os cabelos de Candoca, c. 1904. Fotografia feita por Paulino Araújo. Fonte: CEMEC – Coleção Paulino Araújo, Campanha/MG.

O passo seguinte, então, - com o apelido Candoca anotado - foi procurar nos periódicos impressos na tipografia dos irmãos Veiga de Campanha, ao longo dos primeiros anos do Novecentos alguma referência sobre uma certa moça moribunda. Fato é, que, no ano de 1904, encontramos mais de uma menção ao falecimento de Dona Cândida de Araújo Ferreira Lopes. Os versos do jornal *A Campanha* (**Imagem 5**) estavam recheados de ruídos sobre como a morte de Candoca e a fabricação de uma visualidade sobre sua morte. Ao mesmo tempo, suas exéquias tornaram-se um evento para a pequena cidade no interior de Minas, provocando-nos acerca de uma série de questões para a época, algumas das quais pretendemos tocar, mesmo que brevemente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

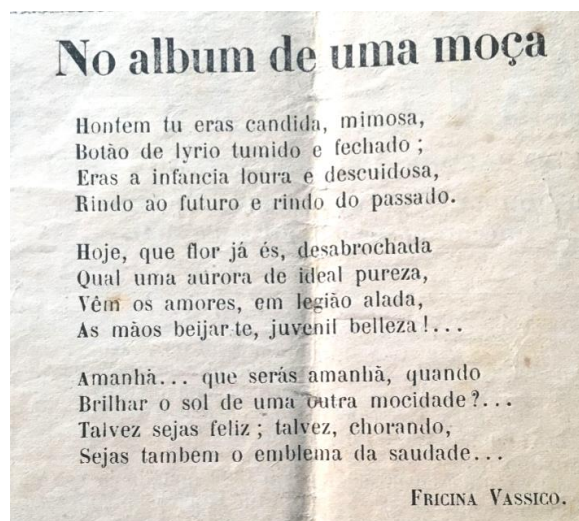


Imagem 5 – A Campanha, 11 dez. 1904, p. 2. Secretaria Municipal de Cultura, Campanha MG. Fonte: Fotografia do autor.

As palavras dirigidas à lembrança de Candoca mesclavam a moda do luto e do sentimentalismo⁷ aprendido dos objetos relicários⁸ disseminados pela Inglaterra Vitoriana, combinada à associação poética da beleza do *memento mori*⁹.

O fato é que esse caso evidencia a sobrevivência¹⁰, nos primeiros anos de República, de práticas do bem morrer em comunidades como Campanha, mesmo com as mudanças impostas pelas questões sanitárias, por meio de uma política de higienização do espaço citadino. O enorme investimento material e espiritual no bem morrer, em particular o sepultamento, conforme João José Reis salientou, já eram criticados pela visão médica, na década de 1830. “Uma organização civilizada do

⁷ Cf. BACHMANN, Karen. The Power of Hair as Human Relic in Mourning Jewelry. In: EBENSTEIN, Joanna (org.). **Death: A Graveside Companion**. Thames & Hudson, 2017.

⁸ O aprisionamento dos cabelos em jóias lembra as relíquias cristãs dos tempos medievais, onde invólucros preciosos anunciavam a importância de parte de alguém ou algo a que se atribuíam poderes curativos ou milagrosos. Ao usar forma similar para guardar cabelos de gente querida, o conteúdo reclamava por uma sacralização, tal qual os **objetos-relíquias**. MALTA, Marize. Entre afetos e estranhamentos: objetos maus e cabelos no mundo da arte. In: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio da (orgs.). **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: ANPAP, 2012, p. 1459. [grifos nossos]

⁹ Ver: RODRIGUES, Andreia de Freitas. **Entre o divino e o humano: o lugar da vanitas mineira nos séculos XVIII e XIX**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2018.

¹⁰ DIDI-HUBERMAN, George. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo de fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extramuros”¹¹.

O cemitério de Campanha, por sua vez, havia sido inaugurado em 1834¹². Por isso pensarmos nos artifícios utilizados para a perpetuação do nome de Cândida e cristalização de sua lembrança para a sua comunidade, e, o mais importante, na fabricação de sua santidade, que recobria a todos e, ao mesmo tempo, vinha de encontro com o projeto de criação da Diocese da Campanha, por seu conterrâneo, João de Almeida Ferrão, o clérigo que vemos junto ao cortejo fúnebre. D. Ferrão¹³ se tornou o primeiro bispo local, após uma longa disputa para que se instaurasse a cátedra em sua terra natal, três anos depois da morte da jovem, em 1907.

Essa presença da Igreja católica é fundamental para a nossa narrativa já que a arte de bem morrer (*ars moriendi*) se manifestava no cumprimento à risca das rubricas que estabeleciam a celebração das exéquias, prescritas no ritual romano, lembrando do forte tom romanizador das paróquias abraçadas pela igreja particular da Campanha, dentro de um projeto de uniformização das práticas religiosas.

Por isso a associação de sua imagem à semelhança daquelas santas evocadas nas litânicas do Cânon da Missa, distante das devoções propagadas pelas irmandades leigas de Nossa Senhora do Rosário dos pretos, ou de Nossa Senhora das Mercês e da Boa Morte¹⁴ dos pardos, que reuniam um número significativo de pessoas marcadas pela realidade escravista dessa região. Testemunhas dessa tentativa de embranquecimento do catolicismo ali estava posto pelo cuidado com que as crianças e adolescentes que conduziram o féretro foram dispostas ao centro, tendo sua candura quebrada pelos

¹¹ REIS, João José. Civilizar os costumes (I): a medicalização da morte. In: _____. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 247.

¹² Ver: CRUZ, Cícero Ferraz. **Cidade difusa: a construção do território na vila de Campanha e seu termo, séculos XVIII-XIX**. 2016. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2016.

¹³ D. Ferrão (1853-1935) foi uma das personagens controversas de Campanha que ainda precisam ser pesquisadas, devido à sua atuação para que sua terra natal se tornasse um bispado e ele assumisse o posto, posteriormente, de bispo entre os anos de 1909 e 1935, o qual ficou marcado pela postura autoritária, com forte tom moralizante e higienista. “Cogitando-se a criação de mais uma Diocese, no Sul de Minas, muito trabalhou para que sua terra recebesse tamanha honra e distinção. Creado, pois, o novo Bispado campanhense, foi nomeado Vigário Geral do mesmo, aos 3 de julho de 1908, tomando posse a 20 do mesmo mês (...). No ano seguinte, aos 29 de abril, Pio X preconiza-o primeiro bispo da Campanha”. In: **6º Anuário Eclesiástico da Diocese da Campanha**. Campanha/MG: Diocese da Campanha, 1944-1945, p. 5-6.

¹⁴ Ver: REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. Igrejas, irmandades e festas religiosas na Campanha. In: _____. **Minhas recordações**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987, p. 183-193. (Documentos brasileiros 45)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

meninos de pés no chão, que por curiosidade se aproximaram e se misturaram àquele grupo de pessoas vestidas de luto sob o sol a pino.



Detalhe da imagem 1.

Os contornos dessa camada (in)visível¹⁵ ficam mais nítidos no registro do leito mortuário feito por Paulino de Araújo, em que os pés do defunto (**Imagem 6**) junto aos seus entes desajeitados para a foto foram amarrados para depois serem retocados no estúdio. Tratamento bastante distinto àquele dado pelo seu mestre para o leito mortuário de Candoca. As flores que coroam sua cabeleira e arrematam o esquife, bem como a alvura do tecido e do vestido que a cobrem foram preparados com esmero. E o mais importante, a mecha de cabelo meticulosamente disposta na direção dos olhos de que a fitasse.

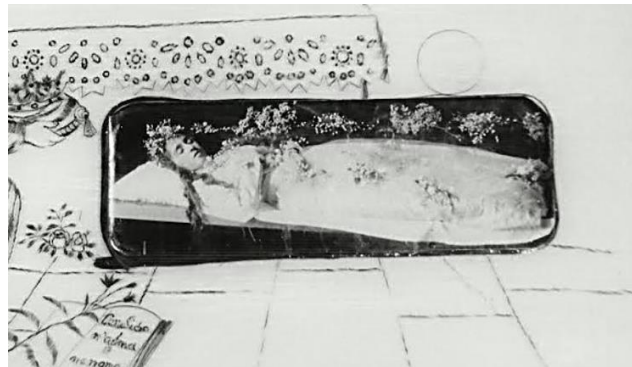
¹⁵ Cf. LOTIERZO, Tatiana. **Contornos do (in)visível**: racismo e estética na pintura brasileira (1850-1940). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021



Imagem 6 – Paulino Araújo (1907-1970). **Leito mortuário**, primeira metade do século XX. Fonte: CEMEC, Campanha/MG.



Detalhe da Imagem 4.

É sua cabeleira, bastante cristã, tomando emprestado as palavras de Daniel Arasse¹⁶ para se referir às santas madeixas de Maria Madalena que lhe confere os ares de santidade. Ela poderia ser associada, também, à Santa Inês (**Imagem 7**), virgem e protomártir que ao ser arrastada pelas ruas de Roma, durante o seu martírio, segundo a lenda, teve seu corpo nu coberto pelos cabelos que logo cresceram para protegê-la de tal ultrage. Sem deixarmos de recordar, ainda, os numerosos cachos dourados ditos de Santa Clara, guardados num relicário para veneração na basílica dedicada à sua devoção em Assis. A morte de Cândida, ainda jovem, não desposada, parece-nos bastante útil para a perpetuação da memória da família Ferreira Lopes de Araújo – já que ela era pura de corpo, pele, alma e nome.

¹⁶ ARASSE, Daniel. *Nada se vê: Seis ensaios sobre pintura*. Tradução de Camila Boldrini e Daniel Lühmann. São Paulo: Editora 34, 2019.



Imagem 7 – Jusepe de Ribera (1591-1652). **Santa Inês na prisão**, 1641. Escultura em madeira, 152 x 203 cm. Gemäldegalerie Alte Meister, Dresden, Alemanha. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jos%C3%A9_de_Ribera_027.jpg>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Seu avô, Cândido Inácio Ferreira Lopes foi o responsável pela construção, no largo da Matriz de Santo Antônio, do Teatro São Cândido, em finais do século XIX. Além disso, integrava os trabalhos junto ao Monitor Sul Mineiro, periódico que reservou um espaço significativo para tornar público o luto pela jovem Candoca (**Imagem 8**). Raquel de Fátima dos Reis, em suas pesquisas, mapeou a prática do colecionismo entre os integrantes dessa família, na sua maioria, composta por homens ligados à política local. Em sua dissertação identificou um conjunto de cerca de 1200 imagens fotográficas – composta por daguerreótipos, *cartes de visite* e fotografias – as quais foram colecionadas e produzidas pelos antepassados da jovem em questão, sendo parte dela fabricada pelo seu tio, o fotógrafo Paulino Araújo Ferreira Lopes.

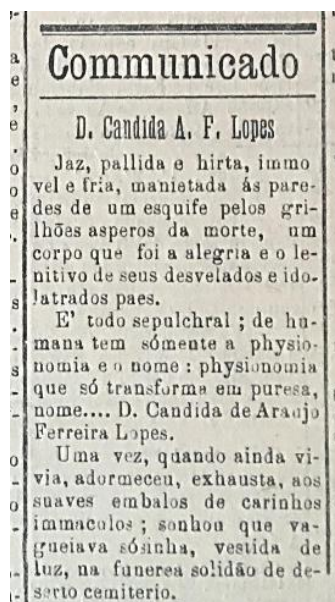


Imagem 8 – Trecho do artigo no *Monitor Sul Mineiro*, 27 nov. 1904, p. 1. Secretaria Municipal de Cultura, Campanha MG. Fonte: Fotografia do autor.

Dentre a coleção Paulino Araújo está a referida foto do relicário, a qual nos leva a pensar sobre o interesse de seus familiares e conterrâneos a encomendar uma reprodução da relíquia. No tecido bordado com os finos fios dourados da moça, sua foto foi recortada e disposta muito próxima da hóstia santa, disposta sobre um altar, entre anjos adoradores. Ela participa do mistério eucarístico, como Inês ou Anastácia, citadas durante a oração eucarística da Missa. Resta apenas a sua bela cabeleira loura como um ressecado e mórbido troféu, que pode suscitar anedotas bordadas como as de Rosana Palazyan¹⁷ ou obras trançadas que materializaram o fascínio de Tunga pela mitologia de Peter Lund sobre a existência de xilófagas capilares¹⁸. Não podemos nos esquecer de que essas imagens também são artefatos do sagrado.

Hans Belting¹⁹ em seu importante estudo sobre as imagens sagradas elucidada sobre a importante relação entre as lendas e a exibição das relíquias para que a fama de uma santa ou santo se perpetuasse. Podemos lembrar, ainda, os quadros de santas monjas colombianas²⁰ do período colonial, também deitadas em seu esquife (**Imagem 9**), coroadas e recobertas de flores, acompanhadas de uma inscrição que (re)lembra seu

¹⁷ Rosana Palazyan (1963-). Da série **Por que Daninhas?**, 2006-2015.

¹⁸ Tunga (1952-2016). **Xilófagas capilares**, 1984. 2 performers.

¹⁹ BELTING, Hans. **Semelhança e presença**: a história da imagem antes da era da arte. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010.

²⁰ Agradecemos a Paola Camargo por nos apresentar as “monjas coroadas” a partir de uma exposição realizada no Banco da República de Bogotá, em 2016, intitulada: *Muerte barroca: retratos de monjas coronadas*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

nome e sua pureza - coroadas tal e qual Candoca, que recebe a coroa de um anjo. Bem, por isso esse nosso esforço em aproximar imagens que não podem ser dissociadas simbolicamente do ornamento capilar, ao mesmo tempo que nos possibilita compreender em que circunstâncias a presença do fotógrafo foi solicitada e de que maneira ele materializou a pessoa ausente na imagem presença e semelhança, cujo conteúdo reclamava por sacralização.



Imagem 9 – Anônimo. *Sor Gertrudis Teresa de Santa Inés*, c. 1730. Óleo sobre tela, 80 x 102,5 cm. Coleção particular, Colômbia. Fonte: <<http://www.museocolonial.gov.co/exposiciones/permanentes/Paginas/Sor-gertrudis.aspx>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Há muito mais que poética nas “tramas do afeto e da saudade”²¹, nos termos de Irina Aragão dos Santos, registradas pelos tipos de um poeta nos jornais ou pelas lentes de um fotógrafo, cabendo a nós a tentativa de sempre lançar outras questões para as imagens que sobrevivem a nós, ainda mais, quando envoltas por tramas narrativas²² que nos aproximam de sua aparição sempre fantasmática.

²¹ SANTOS, Irina Aragão dos. **Tramas de afeto e saudade: em busca de uma biografia dos objetos e práticas vitorianos no Brasil oitocentista**. 2014. Tese (Doutorado) em História – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

²² Cf. MARTINS, Martha. **Narrativas Ficcionalis de Tunga**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências Bibliográficas

ARASSE, Daniel. **Nada se vê**: Seis ensaios sobre pintura. Tradução de Camila Boldrini e Daniel Lüthmann. São Paulo: Editora 34, 2019.

ARAUJO, Patricia Vargas Lopes de. **VILA DE CAMPANHA DA PRINCESA**: urbanidade e civilidade em Minas Gerais no século XIX (1798-1840). 2008. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280678>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

BELTING, Hans. **Semelhança e presença**: a história da imagem antes da era da arte. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010.

CRUZ, Cícero Ferraz. **Cidade difusa**: a construção do território na vila de Campanha e seu termo, séculos XVIII-XIX. 2016. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2016.

DIDI-HUBERMAN, George. **A imagem sobrevivente**: história da arte e tempo de fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

EBENSTEIN, Joanna (org.). **Death**: A Graveside Companion. Thames & Hudson, 2017.

LOTIERZO, Tatiana. **Contornos do (in)visível**: racismo e estética na pintura brasileira (1850-1940). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MALTA, Marize. Entre afetos e estranhamentos: objetos maus e cabelos no mundo da arte. In: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio da (orgs.). **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: ANPAP, 2012, p. 1453-1465.

MARTINS, Martha. **Narrativas Ficcionalis de Tunga**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

MAUAD, Ana Maria. **Dicionário Histórico-Biográfico da fotografia e dos fotógrafos no Brasil**. Niterói: PPGH-UFF, 2015. Publicação on-line do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF. Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/verbetesfotografia/node/10>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

QUEIROZ, Marijara Souza. Arte fúnebre no século XIX: Considerações acerca da coleção de quadros de cabelos da Fundação Instituto Feminino da Bahia. **19&20**, Rio de Janeiro, v. V, n. 3, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.dezenovevinte.net/obras/marijara.htm>>.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, Raquel de Fátima dos. **A fotografia em Campanha**: Paulino Araújo entre retratos e vistas constituindo memórias (1907-1970). 2013. Dissertação (Mestrado) –

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói/RJ, 2013.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. **Minhas recordações**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987. (Documentos brasileiros 45)

RODRIGUES, Andreia de Freitas. **Entre o divino e o humano: o lugar da vanitas mineira nos séculos XVIII e XIX**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2018.

SANTOS, Irina Aragão dos. **Tramas de afeto e saudade: em busca de uma biografia dos objetos e práticas vitorianos no Brasil oitocentista**. 2014. Tese (Doutorado) em História – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Francislei Lima da. **Os monumentos da água no Brasil: pavilhões, fontes e chafarizes nas estâncias sul mineiras (1880-1925)**. 2012. Mestrado (Dissertação de História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2012.

_____; REIS, Raquel de Fátima dos. Olho mágico: a imagem do retratista e o retratado dentro da fotografia. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História** - Contra os preconceitos: história e democracia. Brasília: 2017, p. 1-16.

TUNGA. **Barroco de lírios**. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.